

Finanças

O maior controle do consumidor e o crescente uso de débito puxaram gastos de companhias com taxas de adquirentes para baixo em 2015. Contudo, cenário não deve se repetir em 2016

Despesa em operações com cartões cai, mas tendência é de estabilidade

CUSTOS

Isabela Bolzani
São Paulo
isabela.bolzani@dc.com.br

● **A despesa das empresas com taxas em operações de cartões teve a primeira queda da história em 2015. Com alta nos pagamentos em débito ou à vista, a consequente baixa no faturamento de bancos e adquirentes só foi limitada pela maior adaptação ao plástico.**

Os dados são de um estudo realizado pela consultoria Boanerges & Cia, divulgados com exclusividade ao DCI. Segundo o levantamento, a quantidade gasta pelos estabelecimentos comerciais com taxas de desconto em pagamentos com cartões de débito e crédito caiu 1% no ano passado em relação a 2014 (de R\$ 24,7 bilhões para R\$ 24,5 bilhões).

De acordo com Vitor França, consultor financeiro da Boanerges, o cartão de crédito tem perdido espaço ante o cenário de crise.

“Em relação ao consumidor, aqueles que tentam controlar gastos ficam mais conservadores e optam pagar em dinheiro ou no cartão de débito. Já para os lojistas, não só a taxa de desconto é mais barata nessa modalidade [1,54% contra 2,77% do crédito], como ele ainda recebe o pagamento mais rápido. Assim, por mais que haja mais gente se adaptando às compras com cartões para alavancar as vendas, ainda há a preferência pelas taxas mais baixas”, explica o consultor.

Segundo informações do

Banco Central (BC), desde a abertura do mercado de credenciamento, em 2010, a taxa média de desconto nas compras com cartão de crédito caiu de 2,95% para 2,75%, enquanto a com cartão de débito, foi de 1,58% para 1,51%.

No mesmo período de cinco anos, no entanto, as despesas com aluguel das maquininhas e a conectividade aumentaram 65%, o que elevou em 18% o custo médio de estabelecimentos que aceitam os plásticos e acabou por reduzir parte dos benefícios que as taxas mais baratas para cobrança das adquirências trouxeram.

“A retenção de estoque ainda tem sido um problema para os varejistas, que ainda não conseguiram escoar os produtos que têm para fazer o capital girar e a economia evoluir. Aquele que busca vender no cartão é exatamente por causa

disso. Ele até pode perder um pouco de margem na medida em que pagar as taxas, mas os setores estão precisando conviver com isso, porque só quem tiver fôlego é que conseguirá ir para frente”, identificou Alexandre Galvão, economista do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmecc).

“Além disso, há também uma forte migração dos pagamentos, por parte do consumidor, que entram mais fortemente nesse movimento de débito, inclusive para as contas de pequeno valor, situação que não acontecia com tanta frequência”, completa França.

Consumo represado

Ainda segundo o levantamento da Boanerges, o faturamento das adquirentes e dos bancos também sentiu a leve retração e passou de R\$ 1,067 trilhão em 2014 para R\$ 1,065 trilhão

em 2015, um recuo de 0,2%.

Nesse sentido, apesar do começo de 2016 ter mostrado o mesmo movimento do ano passado, os especialistas destacam que a expectativa de melhora na confiança para o segundo semestre tem dado esperanças de despertar o consumo no mercado.

“Há uma perspectiva de melhora na confiança. Caso isso aconteça, a gente sabe que esse consumo represado pelo excesso de pessimismo no País ganhará força para retomar aos hábitos normais. A partir desse processo, é difícil ter um aumento nas despesas nesse momento, a tendência pode ser de leve queda mas, principalmente, de manutenção”, afirma Vitor França.

Para Galvão, apesar da retração no faturamento e de “a expectativa de confiança ainda não ter se revertido em consu-

mo”, é improvável que as taxas dos cartões voltem a subir como forma de compensar os resultados do ano passado.

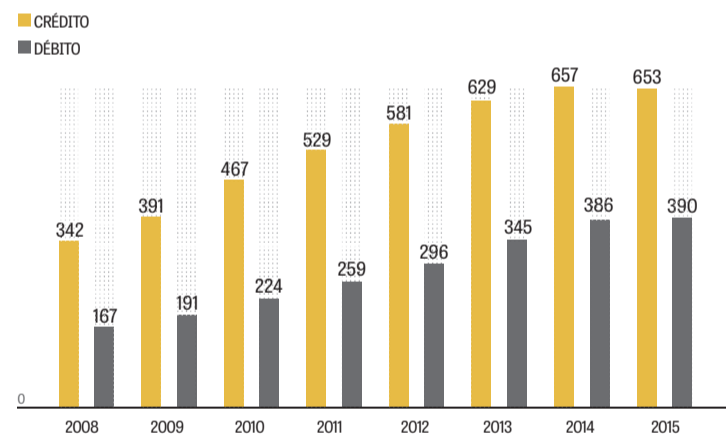
“Pelo contrário, a previsão de baixa de juros na economia é presente e isso afeta o mercado. O cartão é um produto de menor risco e pode até haver uma melhora nesse tipo de operação, ainda mais com a perda de espaço de outros meios de pagamento, como o cheque. Talvez pela própria dinâmica do mercado, na medida em que a inflação e os juros comecem a cair, os cartões acompanharão”, comenta.

“Apesar de a alta nas taxas ser uma alternativa, é uma atitude muito drástica para um momento difícil, onde a confiança só começou sua trajetória ascendente. É um mercado que tem ficado mais complexo, mas que tem visto sinais de melhora”, conclui França.

EM QUEDA

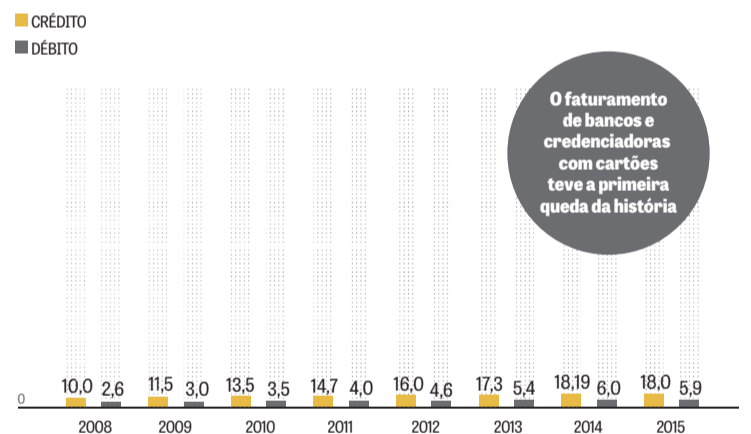
Faturamento no Brasil com cartões

► Em bilhões de R\$



Despesa de estabelecimentos comerciais com taxas de cartões

► Em bilhões de R\$



O faturamento de bancos e credenciadoras com cartões teve a primeira queda da história

FONTE: ESTUDO REALIZADO POR CONSULTORIA BOANERGES E CIA

BMG lidera reclamações pela 6ª vez

RANKING

● **Pela sexta vez seguida, o BMG lidera o ranking de reclamações contra bancos elaborado pelo Banco Central (BC). Em junho, o índice de queixas para cada um milhão de clientes ficou em 45,96, acima dos 38,15 registrados em maio.**

O Banco BMG possui 2,6 milhões de clientes e foi alvo de 120 reclamações consideradas procedentes pelo regulador. Em janeiro, ao ultrapassar a marca de 2 milhões de clientes, a instituição retornou à desconfortável liderança do ranking mensal da autoridade monetária.

Desde que a autarquia mudou a metodologia, em julho de 2014, separando as instituições por dois grupos (acima e abaixo de 2 milhões de clientes), o BMG havia deixado de figurar na lista que sempre trazia seu nome antes das alterações

O segundo colocado é um “novato” na lista feita todos os meses pelo BC. Assim como no caso do BMG, o Banco Pan superou a marca de 2 milhões de clientes (2,057 milhões) e passou a integrar essa lista também. No mês passado, atingiu o índice de 37,92 ao receber 78 queixas de seus usuários.

Bem mais distante em pontuação está o Banco Itaú, com índice de 9,45. Apesar de ter recebido em junho 572 críticas consideradas procedentes pelo BC, seu universo de clientes

(60,487 milhões) é bem maior, o que faz diluir o indicador. A lista do BC do mês passado segue com o Banrisul em quarto lugar, com índice de 8,56, sendo 34 reclamações para 3,968 milhões de clientes.

Na quinta posição, volta a aparecer na lista o Bradesco, que possui 78,248 milhões de clientes e recebeu 621 críticas em junho, para um índice de 7,93. A classificação é gerada por um índice que leva em conta instituições que receberam o maior volume de críticas de usuários de seu serviço em relação ao total de clientes.

Em junho, as reclamações mais frequentes (um total de 2.792) foram motivadas novamente por oferta ou prestação de informação sobre produtos e serviços de forma inadequada (349 vezes). Irregularidades relativas a integridade, confiabilidade, segurança, sigilo ou legitimidade das operações e serviços ficaram em segundo lugar. /Estadão Conteúdo

2.792

● **Foi o número de reclamações registradas, em junho pelo Banco Central, por informação inadequada sobre produtos oferecidos pelas instituições financeiras.**

Caixa negocia redução de repasses de lucros à União

DIVIDENDOS

● **A Caixa Econômica Federal está negociando com o Tesouro Nacional reduzir o percentual dos lucros que repassa à União para o piso estatutário de 25%, informou o presidente executivo do banco estatal, Gilberto Occhi.**

A medida visa fortalecer o capital do banco estatal, mas pode complicar ainda mais o esforço fiscal da União.

“Nosso plano é que o nível fique entre 25% e 50%, se possível 25%”, disse Occhi.

Apontado no final de maio para o comando do banco pelo governo interino de Michel Temer, Occhi informou estar ciente de que, após vários anos de crescimento acelerado do crédito, o banco estatal agora tem que cuidar de reforçar o capital e melhorar a geração de resultados.

“Todos os objetivos traçados lá atrás em termos de crescimento foram alcançados”, relatou o vice-presidente da Caixa. “Temos cerca de 22% do mercado de crédito e o compromisso da minha gestão é elevar a rentabilidade do banco.”

Nos últimos anos, a Caixa repassava integralmente os lucros para a União, que por outro lado fazia sucessivos aportes de recursos no banco para sustentar o crescimento dos empréstimos. No balanço do segundo trimestre, além de lidar com a deterioração da qualidade dos empréstimos, a Caixa terá dois eventos negativos. Um deles é a marcação a mercado dos R\$ 1,9 bilhão de reais em debêntures da Oi, que pediu recuperação judicial. O outro é um aporte de valor não revelado para perdas sofridas pelo Funcef, fundo de previdência dos empregados da Caixa, em 2015. /Reuters